

Ligeiras Notas sobre a imagem (como se ela fosse uma coisa ou alguém)

Luisa Günther

O que não sei fazer desconto nas palavras

Entesouro frases.

Por exemplo Imagens são palavras que nos faltaram

Poesia é a ocupação da palavra pela Imagem

Poesia é a ocupação da Imagem pelo Ser

Manoel de Barros

**Era uma vez
uma imagem.**

Impecável.
Inquestionável.
Verosímil.

Forjada em sua postura de corroborar a apresentação de qualquer algo.

Não entrava no mérito.

**Observadora atenta, a imagem aparentava, sempre,
certo recato perante as circunstâncias.**

Afinal, só importavam as aparências.

Sua principal desenvoltura era não piorar as situações.

Militante das boas impressões,
jamais opinava sem antes destilar a sensibilidade
(ou) sem antes analisar todas as referências
e princípios de realidade.

Acima de qualquer desfeita,
precisava manter sua integridade
diante deturpações e interesses
tão próprios dos menos afortunados e torpes.

Sua principal meta: austeridade, sem juízo de valor.
Longe de ser enfadonha,
a imagem cuidava de suas relações
com um afinco invejável a qualquer pária.
Sempre na moda. Sempre convidada.

Invejada.
Desejada.
Descolada.

Era sempre a primeira a tecer comentários inteligentes sobre as notícias da semana.

Mesmo as polêmicas

(mas só aquelas que já haviam reverberado o zunzun necessário)

Diante tanto empenho, tanto artificialismo em parecer tão natural,
aconteceu o insuspeito: em meio a um deselegante transtorno
causado por outros, preferiu não tomar partido,

nem emitir opinião.

Arf! Preguiça desta mania ignóbil que os carentes
(ou frustrados, ou pior: perseguidos e vitimados)

tem de chamar para si a atenção.

Preferiu ignorar tudo
por medo das eventuais rugas
que poderiam brotar em seu semblante tão íntegro.

Como era de sua praxe,
a imagem permaneceu reservada em seu nicho de dignidade.

Só que, desta vez,
a tão enfadonha alteridade responsável por aquele transtorno, era ela.

Também.

Como?!

Após tanto esforço em ser *quase-blasé*, sua reputação estava em risco. O quê fazer?
O susto a fez consultar normas e resoluções; livros de etiqueta, manuais, horóscopo e tarô.
Até entender a dimensão do que estava acontecendo, já era tarde demais.

Tornara-se *cúmplice-por-convivência*.

Seu conveniente distanciamento, era covardia.

Seu tão bem elaborado parecer técnico era anacrônico (quase cômico).

Todas as injúrias já haviam sido proferidas até o momento.

A pior delas foi o silêncio.

Atônita, a imagem percebeu que deveria ter corrido o risco de ser ridícula.
Poderia até ter se dado o luxo de estar errada. Afinal, poderia sempre, pedir desculpas.

Agora, tudo estava tão exageradamente escancarado... que teve uma síncope.
O tempo, irreversível, impediu que a imagem desfizesse sua desfeita em não ser espontânea.

Com isto, a imagem descobriu que, no drama da vida cotidiana, todos fazem parte.
Ninguém tem o direito de ser mero espectador do vexatório, do injusto, do desdém.

Destituída de seu estatuto, a imagem passou a ser coisa.

Qualquer.

Quase-nada.

Tanto-faz.